

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS: ONDE BELÉM FOI MAIS MODERNA **Um estudo sobre a verticalização da Avenida Presidente Vargas**

CHAVES, CELMA. (1); MIRANDA, LANA. (2)

1. Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá.
celma_chaves@hotmail.com

2. Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá.
lanaavelar@outlook.com

RESUMO

No final do século XIX, a verticalização na construção se torna sinônimo de desenvolvimento e progresso, a cidade assim verticalizada adquire um *status* de “moderna”. Em Belém, o processo de verticalização que se inicia na década de 40, se concentrava no centro comercial, e a Avenida 15 de Agosto, que já nessa época era umas das principais avenidas da cidade, foi o ponto central desse processo, caracterizado por edifícios que apresentam em sua maioria as novas soluções, materiais e formas da arquitetura modernizada. O artigo tem como objetivo apresentar os resultados de estudos sobre modernização na cidade de Belém concentrada inicialmente na atual Avenida Presidente Vargas, considerando um recorte cronológico de 1940 a 1960. A análise foi feita a partir do estudo histórico, registro fotográfico dos edifícios construídos nesse período, de levantamento arquitetônico e redesenho de suas fachadas e plantas, seja dos projetos originais ou do material levantado. Observa-se que em razão das restrições econômicas do período, esse processo limitou-se em um primeiro momento à avenida estudada, e ainda que o novo modo de habitar em altura tenha sido recebido com receio, a consolidação desse novo hábito se estenderia a outras áreas da cidade, mas foi na avenida Presidente Vargas onde mostrou a sua face mais moderna.

Palavras-chave: Belém; Arquitetura moderna; Modernização.

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1940 se observa na Avenida Presidente Vargas, anteriormente 15 de Agosto, importante via que interliga o centro antigo de Belém à cidade em expansão, a construção dos primeiros edifícios de grande porte na cidade. Nesse ano, foi inaugurado o edifício dos Correios e Telégrafos apresentando uma arquitetura que dá seus primeiros passos rumo à modernização dessa avenida e que possivelmente impulsionou as obras de outros edifícios na avenida ainda em construção. É um momento de novas ideias para o desenvolvimento e soluções para desequilíbrios urbanos que cresciam na cidade. Nesse período elabora-se o “Plano Urbanístico da Cidade”, de autoria do engenheiro Jerônimo Cavalcanti, com o objetivo de disciplinar o crescimento de Belém, adaptando-a às modernas concepções de arquitetura, que embora não tenha sido posto em prática, seria o plano que nortearia o crescimento da cidade por longo período (CHAVES, 2011).

Entretanto, a verticalização tão almejada se iniciou com a construção de edifícios ainda de porte médio, que, aos poucos, traziam inovações à avenida. Em 1940 inaugura-se o edifício Bern, o primeiro com elevadores em Belém, e o edifício dos Comerciários, o primeiro com dez pavimentos. Neste mesmo ano, foi inaugurado o primeiro edifício exclusivamente residencial da cidade, o edifício Piedade. No período entre 1940 e 1960 houve uma sucessão de construções importantes que contribuíram para a nova imagem que se pretendia dar à avenida, seja a partir das novas tipologias de plantas ou novas tecnologias. Atualmente, essas construções apresentam alterações como a mudança de uso, inserção de novos pavimentos, inserção de elementos nas fachadas, ou estão abandonadas.

1. MODERNIZAÇÃO E PROGRESSO

A história e evolução de altos edifícios chamados “arranha-céus” está relacionada intrinsecamente com as inovações tecnológicas, estruturais e organizacionais. Em toda a história da arquitetura, observa-se que o homem tenta se sobrepôr à natureza, anseia mostrar-se tão grandioso no meio em que vive por meio das construções. Nascimento observa que:

Monumentos históricos como as pirâmides do Egito, o Parthenon na Grécia, a Praça Tikal dos maias na Guatemala, a Torre de Pisa na Itália [...] já denunciavam a necessidade do homem em enfrentar a natureza e mostrar o poder através das alturas e da grandiosidade de suas edificações.
(NASCIMENTO, 2000, pg. 108)

O processo de verticalização das cidades é visto como resultado de novas técnicas construtivas, valorização dos terrenos e pressão comercial. As catedrais, igrejas e palácios que antes eram símbolo de maior importância, dão lugar aos gigantescos edifícios sedes de grandes escritórios, bancos e seguradoras.

Segundo Mumford, no século XIX, os novos métodos de construção vieram fazer do céu o limite: *“Agora, quaisquer funções a que pudesse melhor servir pelo empilhamento de um pavimento sobre outro, o edifício muito alto tornou-se um símbolo de status e de ‘modernismo’”* (MUMFORD, 1998, pg. 466)

A expansão urbana de modo vertical no final do século XIX apresenta os mecanismos da economia do capitalismo. A verticalização retrata um processo de construção onde são criados novos solos, que se encontram sobrepostos, dispostos em andares sob a forma de um edifício. Esta configuração permite uma maior extração de lucro do solo, pois dessa forma é possível construir muito mais habitações ou salas comerciais em um espaço relativamente pequeno.

Um ponto a ser destacado é o fato de que os empreendimentos verticais em geral ocupam áreas nobres e valorizadas. Porém, esses empreendimentos também podem valorizar as áreas em que se situam, através do seu potencial de aproveitamento (CASARIL, TOWNS e MENDES, 2011).

Assim, verticalizar tornou-se uma meta para boa parte das cidades do mundo, como uma espécie de exigência para se obter o título de “moderna”. Subentende-se que o arranha-céu, para além de uma necessidade imobiliária das metrópoles contemporâneas, estabeleceu-se como um importante símbolo de desenvolvimento e modernização (CHAVES, 2011).

No Brasil, o processo de verticalização foi disseminado de maneira híbrida, chegando aqui entre as décadas de 1920 e 1930 e encontrando não só os movimentos modernistas, que acreditavam em uma valorização de um investimento na questão nacional, como também o governo progressista de Getúlio Vargas, que buscará forças para realizar as modificações necessárias à construção de um novo ideário nacional. (CHAVES, 2011).

2. A AFIRMAÇÃO DE UMA NOVA MANEIRA DE HABITAR: BELÉM ENTRE 1940 E 1960.

Embora sendo considerado um símbolo do norte-americano, para sua afirmação no país, o arranha-céu sofreu uma mistura de estilos, especialmente em cidades com fortes

características da *Belle Époque* e coloniais, como podemos observar na cidade de Belém do Pará.

A habitação vertical chega em Belém como uma nova e moderna maneira de habitar para a burguesia local, acostumada, até então, com seus palacetes e amplos jardins.

Nesse novo cenário sócio cultural e econômico surgem as propostas de novas formas de moradias, que passam a incluir o edifício de apartamentos e as residências que incorporavam elementos e soluções da arquitetura moderna brasileira (CHAVES, 2008 pg. 145).

Durante o período em que dominava a economia da borracha, a cidade de Belém tinha nas casas burguesas o símbolo de modernidade, chamadas, segundo SOARES (2008, pg. 147) de “casas *assobradas e/ou apalacetadas*”, porém as casas burguesas predominantes eram os palacetes, batizadas com o nome de seu proprietário ou família. Também haviam as *chalets* de veraneio, para o lazer de final de semana.

Os palacetes eram construídos com um altíssimo padrão de luxo, inspirado nas formas da elite europeia de se morar, mas com algumas adaptações regionais, como a utilização da varanda. Já as casas assobradas ou apalacetadas, eram o reflexo da transição construtiva entre as casas de porão alto e os palacetes, geralmente pertencentes às famílias de classe média alta, não apresentavam o alto luxo e opulência dos conhecidos palacetes da cidade (SOARES, 2008).

Nas casas do período gomífero, destaca-se o uso do banheiro, em geral próximo à cozinha e às áreas de serviço, onde se podia aproveitar a tubulação e lavabos localizados no corredor, varanda ou outras áreas sociais. A presença do vestíbulo era uma característica marcante, distribuidor de passos, este que tornava a circulação nestas casas mais especializada. O quintal também se torna um espaço importante, local de convivência com a vizinhança, espaço para as crianças brincarem, além de ser um respiro para casa, em geral, abastecido com árvores frutíferas. (SOARES, 2008).

No início da década de 1940, o mercado imobiliário já apresentava a nova alternativa de habitação que mais tarde estaria mais presente na capital, como o edifício Bern de uso residencial e comercial, apresentando elevador, até então inédito na cidade, como um convite à utilização no lugar das escadas.

Nesta mesma década destaca-se a obra do engenheiro Judah Levy, figura bastante significativa no mercado imobiliário da época. Formado no Rio de Janeiro e com grande experiência na construção de edifícios na então capital federal, o engenheiro inaugura em 1949, um novo tipo de construção na cidade, o edifício Piedade, também localizado na Avenida Presidente Vargas, o primeiro exclusivamente residencial. Logicamente, ainda com a forte presença da maneira de morar da *Belle Époque*, citada anteriormente, o processo de

convencimento à aquisição de apartamento foi difícil. Como afirma o engenheiro Judah Levy: “Com o esboço do projeto, sai em busca dos futuros compradores, em sua maioria comerciantes portugueses, e sua principal dificuldade era convencê-los das vantagens de viver em apartamentos.” (VIDAL, 2008, pg. 148)

Se o empreendimento era aceito de maneira hesitante pela sociedade, por outro lado, este ganhava apoio do governo e imprensa.

A inauguração do edifício foi transmitida pela “PRC-5”, na época a mais importante rádio da região. Estavam nela presente as mais altas autoridades do Estado como o major Moura Carvalho, então governador do Estado; Teixeira Gueiros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado; Armando Corrêa, secretário geral do Estado; Waldir Bouhid, prefeito municipal de Belém; Pereira Brasil, chefe de polícia; Burgos Xavier, presidente da Câmara de vereadores, entre outras autoridades, grande número de ‘pessoas gradadas’ bem como os operários da obra. (CHAVES, 2011, pg. 60)

Segundo Judah Levy, o caráter diferencial da construção não foi projetado como fim lucrativo, mas sim uma contribuição deste para o progresso de Belém. Na planta do edifício Piedade, nota-se a disposição dos espaços internos ainda apresentando referências do ecletismo e das casas coloniais. A planta original mostra o acesso principal incidindo diretamente sobre um longo corredor que interliga o setor social ao setor de serviço, passando pelo íntimo, disposição que evoca a “casa com puxado”. Este fato revela não só o contratempo dos construtores paraenses em inovar na disposição dos ambientes no início, mas também a hesitação da população em se adaptar a algo totalmente novo, levando os arquitetos a fazerem de suas plantas algo mais próximo do que a sociedade já estava acostumada. Fato já observado por Segawa:

[...] vale lembrar que os primeiros arranha-céus no Brasil tinham péssima resolução de planta, pelo ineditismo da tipologia, destinado a usuários de bom padrão econômico – quando ainda a casa e jardim eram valores altamente considerados num ambiente arquitetonicamente conservador. (SEGAWA, 1999, pg. 65)

Outro ponto importante nos edifícios residenciais construídos na década no período de amadurecimento da moradia vertical, era o uso misto. Era muito comum a instalação de lojas, conjuntos de salas para escritórios e consultórios nos andares inferiores. Além disso, nota-se a procura pelo refinamento e classe destes.

Na inauguração do edifício Piedade, é lançado também o projeto do edifício “Renascença”, também na avenida, edificação destinada visivelmente a um público mais seleto com apartamentos grandes, com vários quartos, sala de estar e jantar (CHAVES, 2011). E assim, inicia-se uma série de construções na Presidente Vargas, cada vez com mais inovações e novas resoluções de plantas. Observa-se que essas construções são marcadas pela busca de requinte e suntuosidade, reflexos ainda de uma arquitetura de traços ecléticos da *Belle Époque*, com revestimentos e fachadas arrojadas, muitos

destacando em sua propaganda os custos exorbitantes da obra. Inauguravam-se com comemorações, presença de ilustres autoridades e figuras importantes da cidade.

3. AVENIDA PRESIDENTE VARGAS E OS PROCESSOS DE MODERNIZAÇÃO

Como uma das principais vias da cidade de Belém, esta avenida foi palco de importantes processos de modernização da capital paraense. O nome da referida travessa recordava a de antigos moradores daquela área da cidade. Esta travessa localizava-se no entorno do largo da Pólvora (atual Praça da República), que ganhou esse nome pelo fato de ali existir um depósito de inflamável (CRUZ,1973). Em meados do século XVII assim a descrevia Penteado: *“Todas essas travessas tinham pouca extensão, tanto assim que a dos Mirandas se prolongava através da mata para depois do chamado Largo da Casa da Pólvora (atual Praça da República)”* (PENTEADO, 1968. Pg. 106-107)

O primeiro processo de modernização se dá início no final do século XIX. A economia da borracha permite urbanização de parte da cidade assim como a construção de obras para uma parcela elitizada da sociedade, e é nesse contexto que a até então Travessa dos Mirandas é transformada na Travessa 15 de Agosto, no dia 04 de Setembro de 1877. A data se refere, segundo a Câmara municipal de Belém à adesão do Pará à Independência. Tem início então uma transformação urbana e enobrecimento da região. (CRUZ *apud* CHAVES, 2011)

No início do séc. XX, o aterramento da área do cais facilitou o acesso à referida avenida e ainda valorizou os terrenos da região, levando a intendência a desenvolver obras de melhoramento às ocupações do entorno, fazendo assim, a 15 de Agosto sofrer novas intervenções. Em 1904, por meio da resolução nº 381 de 16 de janeiro, a intendência de Belém autoriza dentre outras vias a abertura da Avenida 15 de Agosto, que ligaria a praça da República com o Boulevard da República. Porém, apenas em 1910, o contrato de execução das obras é assinado em regime de concessão com Oscar de Melo, onde este obtinha o direito tanto de exploração da Avenida e usufruto das edificações e terrenos desapropriados quanto, por obrigação, a construção de um luxuoso “hotel modelo” e um novo teatro. (CHAVES, 2011)

Em 1911, a planta da avenida foi apresentada ao Conselho de Obras, cujos termos orientam que se deva seguir alguns princípios já em execução nas principais cidades brasileiras, demonstrando a vontade do poder público em enobrecer esta área, estes

investimentos também afastavam conseqüentemente a classe baixa do entorno e a transformavam em uma das, se não a, regiões mais valorizadas do entorno.

Ainda em 1916, Theodoro Braga, em seus passeios de bonde, comenta que a Avenida está em reformas e que em breve será a maior e mais bela avenida urbana, este comentário implica na prolongação dessas obras, provavelmente provocada pela decadência na economia gomífera:

[...]Elle segue por esta rua, até voltar à direita para a avenida 15 de Agosto, ainda em trabalhos de construção, devendo ser de futuro, a mais bella e majestosa avenida urbana, porque liga o desembarcadouro, no cás, a vasta e formosa praça da República, com 30 metros de largura.(BRAGA, 1916, pg. 42)

Todas estas melhorias feitas na Avenida 15 de Agosto e em seu entorno abriram as portas para o próximo processo de modernização que estaria por vir: A verticalização. Porém, antes disso, Belém atravessa um período de transição, de 1912 a 1930, tido por alguns como um período decadente, com a derrocada da economia da borracha.

Após a fase, a década de 1930 traz consigo os progressos que Belém tanto almejava obter novamente após a *Belle Époque*. A administração central do presidente Getúlio Vargas, junto com o interventor Magalhães Barata e seu discurso modernizador, despertou a esperança de um futuro radiante à cidade. Em 1937 instaura-se o regime do Estado Novo, caracterizado por um panorama político centralizador e autoritário. Getúlio Vargas, após diversas disputas políticas, substituiu Magalhães Barata por José Carneiro da Gama Malcher.

Este novo regime político defendia a modernização como ideário. O governo entendia que o símbolo mais eficaz de modernidade era o edifício em altura, novo conceito de moradia e ícone das ideologias divulgadas e disseminadas pelo “Estilo Internacional”, materializado nas grandes cidades em edifícios verticalizados a exemplo dos arranha-céus norte-americanos que se tornaram modelos de modernidade pela associação da qualidade à nobreza de seus materiais (VIDAL, 2008).

A ocupação da Avenida 15 de Agosto era um ponto importante para Magalhães Barata, é possível notar que nesta ocorre a evolução de uma arquitetura ligada à nova diretriz política de modernização, a qual o governo central estabelecia no país, realizada por meio da construção das novas sedes das instituições públicas. Além disso, depois de medidas de incentivo pelo poder público, esta se torna a área ideal onde empresários e comerciantes decidem instalar seus negócios.

Observa-se que, ao facilitar a aquisição de terrenos no entorno da avenida 15 de Agosto, a administração da capital, abriu as portas para modernas tendências arquitetônicas, sendo este talvez o incentivo mais importante (VIDAL, 2008).

A partir década de 1940, o processo de verticalização ganha mais impulso. São lançados cerca de cinco projetos de edifícios na região, segundo Chaves (2008) e entre eles alguns dos primeiros de grande porte. É neste período que são inaugurados os edifícios Bern, Dias Paes, Piedade e Comerciários,

A avenida é marcada nos anos 50, por uma sucessão de altas construções. Em 1951 inaugura-se o edifício “Manuel Pinto da Silva”, projetado inicialmente para possuir 12 andares, o mínimo estabelecido pela prefeitura, o projeto foi alterado logo após sua inauguração integrando o edifício com mais dois blocos construídos ao lado, possuindo, no final, os inéditos 26 andares e sendo na época o 4º edifício mais alto do Brasil (CHAVES, 2011).

Em 1952 é inaugurado o edifício Renascença, também obra do engenheiro Judah Levy. A edificação era visivelmente destinada a um público mais seletivo com apartamentos grandes, com vários quartos, sala de estar e jantar. A propaganda do empreendimento alardeava a centralidade da edificação, localizada em plena praça da República com hall em estilo renascença, todo em mármore, dois elevadores, um social e outro de serviço, um importante diferencial para uma construção que se vangloriava como a mais aristocrática residência de Belém”, garantindo uma rigorosa seleção nas vendas (CHAVES, 2011).

Posteriormente seriam construídos na Avenida dois edifícios de uso misto e de grande porte, o Importadora (1954) e Palácio do Rádio (1956), e a sede do Instituto de Aposentadorias e Pensões (IAPI) em 1958. Os dois primeiros semelhantes quanto à altura e quanto ao comprimento da fachada, e situados do mesmo lado da avenida com suas fachadas ocupando totalmente dois quarteirões, esquina à esquina, mantendo características programáticas como uso comercial nos pavimentos inferiores e residencial nos superiores.

4. RESTITUIÇÃO DO PERFIL DAS FACHADAS DA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS (SKYLINE)

O perfil das fachadas, também conhecido como “panorama urbano” é tido como a vista total ou parcial da silhueta de uma cidade no horizonte, a linha de contorno da cidade. Segundo Duque, essa linha funciona como o bilhete de identidade ou o código gráfico de uma cidade. *“Por isso, é perfeitamente possível identificar a que cidade pertence determinada silhueta, por via daquilo que conhecemos da morfologia dessa cidade e que se revela nessa linha.”* (DUQUE, 2007, pg. 6)

Através do perfil é possível identificar sinais cujo significado é sempre muito mais do que as particularidades morfológicas que a linha revela do território, podendo, em alguns casos, ganhar mesmo contornos de manifesto. Sendo assim, podemos dizer que o perfil da Presidente Vargas não só nos mostra as silhuetas dos edifícios que a compõem, mas como também o início do processo de verticalização da cidade de Belém, sendo a Avenida idealizada como o “Novo Centro” de Belém e o anseio do governo em tornar Belém uma capital Moderna aos padrões internacionais.

Para a melhor compreensão e construção do perfil da via, foram elaborados alguns esquemas, como segue abaixo.

Figura 1– Mapas com a locação dos edifícios do *skyline* e identificação das quadras onde se localizam os edifícios estudados



Elaboração: Lana Miranda

E por fim, foi construído o *skyline* da via, onde se encontram seus principais edifícios. O *skyline*, além de nos mostrar as fachadas dos edifícios, aponta a localização destes, as ruas que os circundam e as quadras onde estes estão localizados.

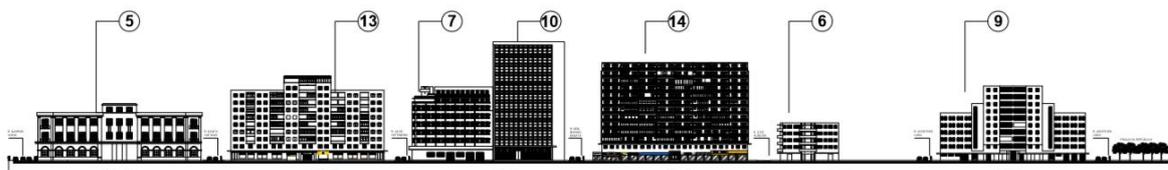
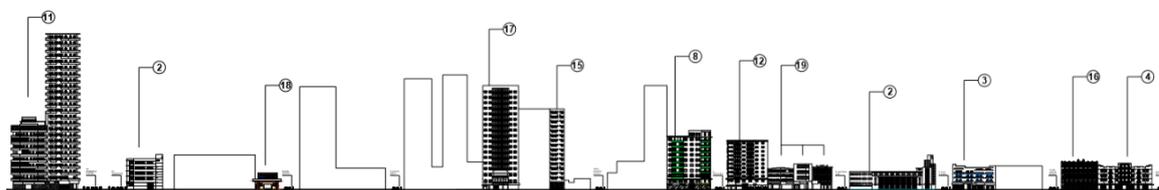


Figura 2 – Skyline da Avenida Presidente Vargas, 2015

Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA).

Legenda:



- | | |
|---|---|
| 1-Costa Leite | 12- Ed. Renascença (Desenhado por Izabella de Melo) |
| 2 –Correios (Desenhado por Izabella de Melo) | 13- Ed. Importadora(Desenhado por Izabella de Melo) |
| 3- Avenida Hotel | 14- Ed. Palácio do Rádio(Desenhado por Izabella de Melo) |
| 4- Central Hotel | 15- Hotel Grão Pará |
| 5- Booth Line | 16- Café Brasil |
| 6- Ed. Bern | 17- Ed. Assembléia Paraense (Desenhado por Izabella de Melo) |
| 7- Ed. Dias Paes | 18- Cine Olímpia (Desenhado por Izabella de Melo) |
| 8- Ed. Piedade (Desenhado por Izabella de Melo) | 19 – Conjunto de construções (Desenhado por Izabella de Melo) |
| 9- Comercários | |
| 10- Ed. INAMPS | |
| 11- Ed. Manoel Pinto da Silva | |

O *Skyline* da Avenida Presidente Vargas foi elaborado no software *Autocad*, integrando todos os desenhos das fachadas em um só arquivo e utilizando-se também do *Google Maps* e *Google Earth*, o primeiro para a localização das ruas e edifícios em suas respectivas quadras, o segundo para a medição aproximada do tamanho das quadras, como exemplo, a imagem da medição da quadra 3, onde estão localizados os edifícios INAMPS e Dias Paes. Após as medidas, as quadras são desenhadas e sinalizadas no *Autocad*, as vias são sinalizadas com seus respectivos nomes e os edifícios são colocados em suas respectivas quadras.

Para a elaboração dos redesenhos das fachadas aqui apresentadas, foram selecionadas as melhores fotografias dentre as que foram tiradas nas visitas feitas à

avenida. As imagens mais ortogonais foram inseridas no software Autocad para auxiliarem nos redesenhos dos edifícios estudados.

Em seguida foram tomadas as medidas aproximadas das fachadas dos edifícios no programa *Google Earth* por meio da ferramenta “régua”. Sabendo as medidas aproximadas da fachada de determinado edifício, a escala da imagem inserida no software é atualizada para a mais próxima possível. Já com a imagem de referência tendo as medidas corretas, foram traçadas as linhas de desenho sobre a imagem.

5. OS EDIFÍCIOS

Edifício Bern

O edifício Bern, de uso residencial e comercial, foi construído na década de 1940, e vem a ser a primeira expressão da modernidade tão almejada. De uso residencial e comercial, dispunha de 04 pavimentos e buscava linguagem arquitetônica mais racionalizada, utilizando elevadores, algo até então inédito em Belém, salientando um claro indício da busca por tecnologias e elementos modernos.

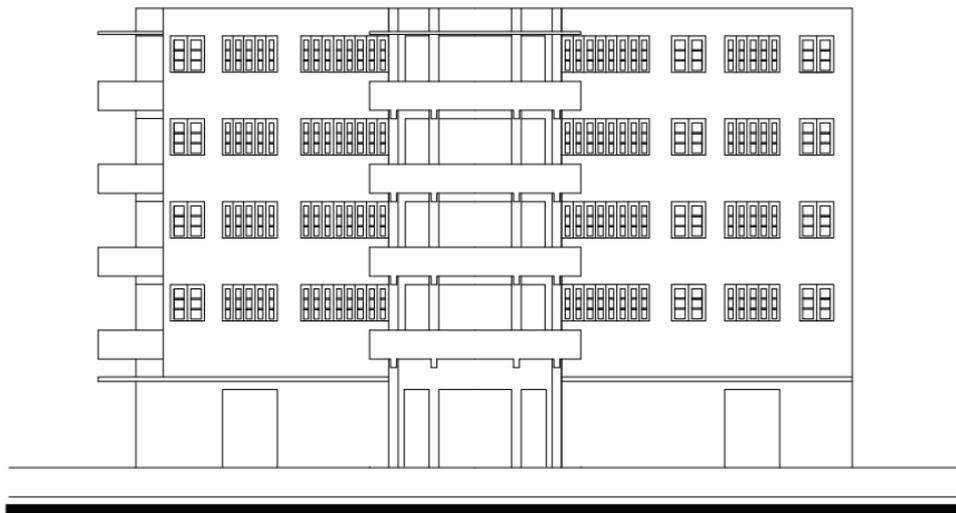
Figura 3 – Edifício Bern



Fonte: Celma Chaves (2014) - Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA).

O Edifício Bern hoje se encontra abandonado, com suas entradas do térreo, das sacadas e também algumas janelas vedadas por paredes de tijolos. Suas paredes estão sujas, pichadas e com limo. Ainda apresenta suas esquadrias originais, que se mostram, em sua maioria, em bom estado, considerando o abandono deste.

Figura 4 – Fachada do edifício Bern



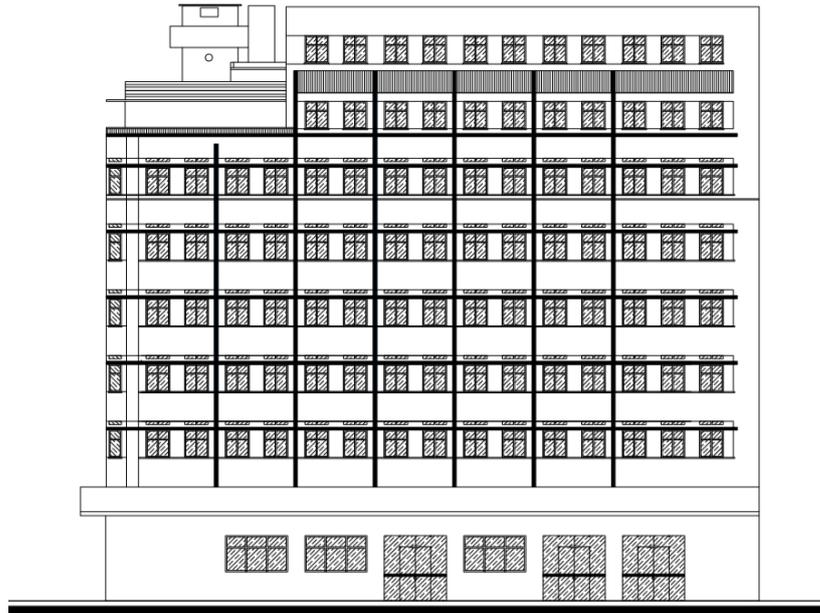
Fonte: Acervo do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica – LAHCA.

Edifício Dias Paes

O edifício Dias Paes, inaugurado em 1945, apresentava uso comercial e residencial. De autoria do engenheiro Antônio Braga, possui 07 pavimentos, e foi um dos primeiros grandes edifícios construídos na cidade. Apresenta linhas curvas, que seguem a esquina na qual o edifício foi construído, e *brise soleil* horizontais, solução comumente apresentada em outros edifícios da arquitetura moderna brasileira.

Atualmente o edifício é propriedade do Banco do Estado do Pará, ainda apresentando bom estado. Suas esquadrias aparentemente são originais, porém, foram acrescentadas esquadrias de vidro em seu térreo e uma placa que circula seu andar térreo com a marca e cores do banco.

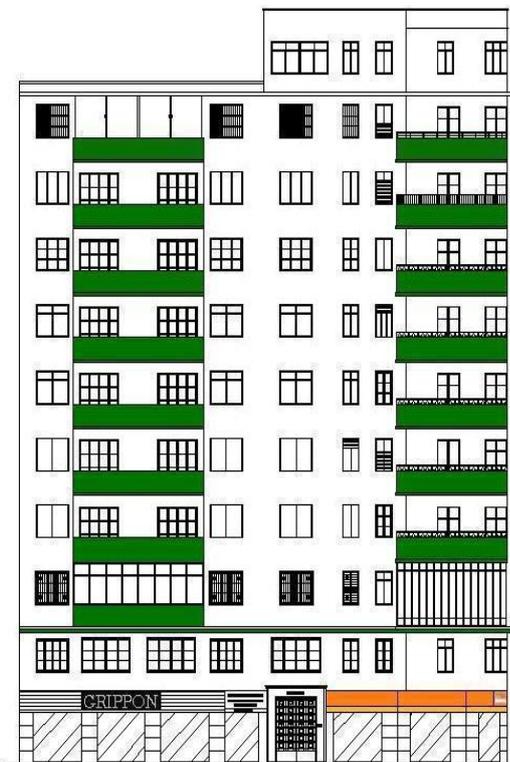
Figura 5 – Fachada do edifício Dias Paes



Fonte: Acervo do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica – LAHCA.

Edifício Piedade

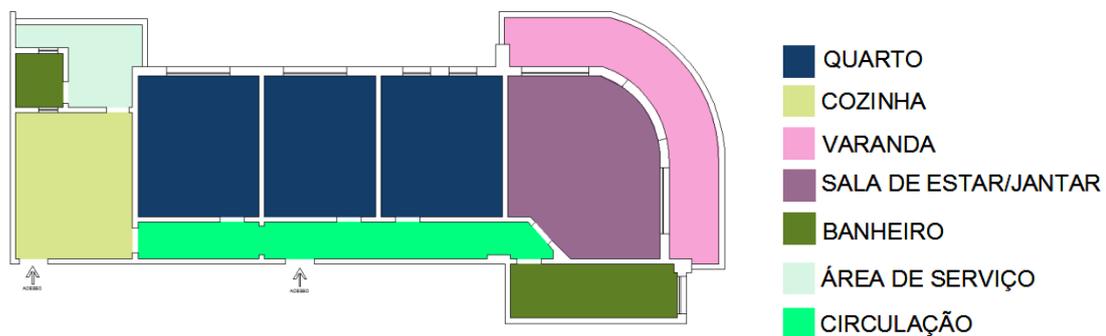
Fig. 6 - Fachada do edifício Piedade.



Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA).

O edifício Piedade, inaugurado em 1949, foi um marco para o mercado imobiliário de Belém, sendo o primeiro edifício exclusivamente residencial da cidade. Projeto do engenheiro Juda Levy, figura importante no cenário construtivo de Belém, apresenta uma nova e moderna maneira de habitar para a burguesia local, acostumada até então com seus palacetes e amplos jardins. Em sua planta, nota-se a dificuldade inicial em inovar na disposição dos ambientes, que ainda apresenta referências à setorização das casas coloniais, porém, conjuga com formas curvas potencializadas pelo uso do concreto armado.

Fig. 7- Planta baixa original do edifício Piedade.



Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA)

É importante observar que existiram contratempos durante sua construção, desde a escassez de materiais até mão de obra e aquisição dos apartamentos pela população que não estava acostumada ao novo estilo de moradia.

Edifício dos Comerciantes

Em 1949, outro grande edifício é inaugurado, o edifício dos Comerciantes, de 09 pavimentos, obra de Hildegard Fortunato, apresentava uso misto. A edificação, composta por 3 volumes principais, apresenta linhas racionais, sem adornos, e janelas de vidro, porém, ainda há espaço para elegância nas trabalhadas grades de suas entradas.

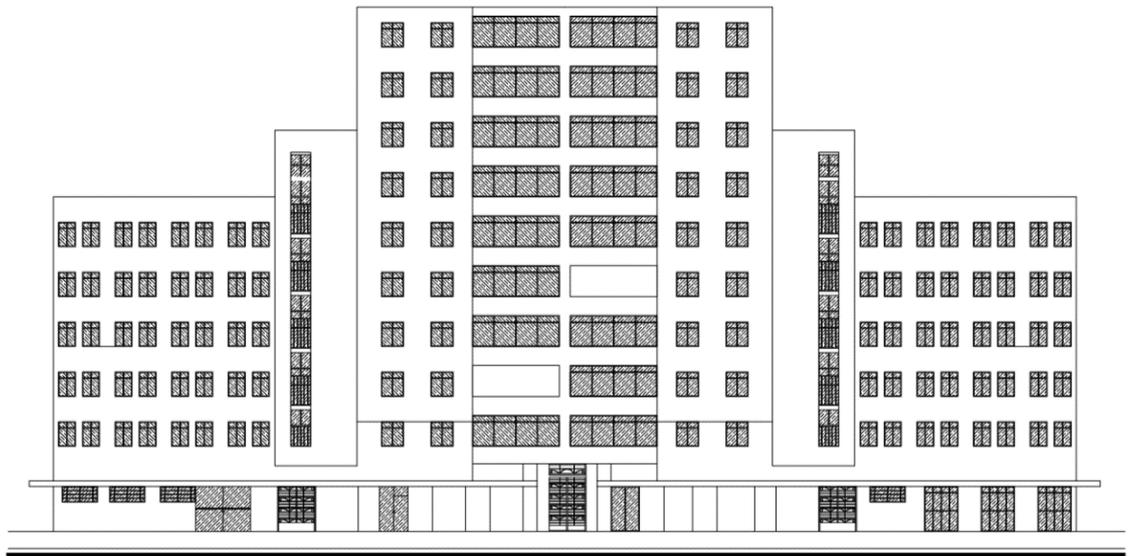
Figura 8 – Edifício dos Comercários



Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica – LAHCA.

O edifício ainda mantém o mesmo uso uma parte é ocupada pela URES – Unidade de Referência Especializada, do Governo do Estado do Pará, outra parte é ocupada por estabelecimentos comerciais e por uso residencial. Sua fachada apresenta pichações, além de se ver muito pouco de suas esquadrias originais e sua fachada estar tomada por caixas de aparelhos de ar-condicionado.

Figura 9 – Fachada do edifício dos Comercários



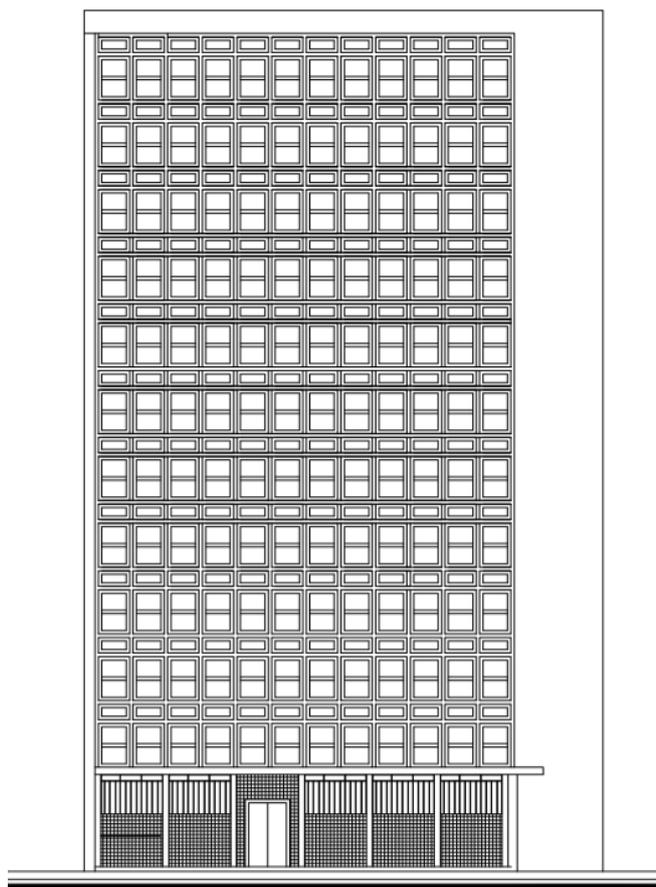
Fonte: Acervo do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica – LAHCA.

Edifício INAMPS

O Edifício do IAPI (hoje Edifício INAMPS), foi inaugurado em 1958, projetado por Edmar Penna de Carvalho, possuindo 12 pavimentos e localizado na esquina da Rua Senador Manoel Barata com a Avenida Presidente Vargas. O edifício apresenta nas suas fachadas voltadas para as duas ruas elementos tipo *brise-soleils* em nervura protegendo as esquadrias de madeira e vidro.

Analisando o edifício por meio das fotos, percebe-se uma possível ampliação deste no sentido da rua Manoel Barata, comparando uma de suas imagens antigas com as fotos atuais (Fig. 00), aparenta ter uma profundidade maior. Quanto ao seu estado atual, o edifício apresenta várias esquadrias danificadas, além de estar desgastado pelo tempo, indicando a falta de cuidados e exibindo pichações. Sua entrada para a Presidente Vargas está sem uso e aparentemente só há acesso ao edifício pela a rua Manoel Barata.

Figura 10 – Fachada do edifício INAMPS



Fonte: Acervo do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica – LAHCA.

Manoel Pinto

O edifício “Manoel Pinto da Silva” foi lançado no início de 1949 como iniciativa de Manoel Pinto da Silva, um rico comerciante português proprietário da “Automobilista”, e inaugurado, em sua primeira fase em 1951. Obra do arquiteto e engenheiro formado na Escola de Engenharia de Belo Horizonte Feliciano Seixas, o edifício foi projetado inicialmente para possuir 12 andares, o mínimo estabelecido pela prefeitura, mas o projeto foi alterado logo após sua inauguração integrando o edifício com mais dois blocos construídos ao lado, possuindo, em 1959, os inéditos 26 andares e sendo na época o 4º edifício mais alto do Brasil (MELLO, 2007, p. 72 *apud* CHAVES, 2011, pg 67).

O edifício se mostra uma construção sóbria, com linhas simples, racionais e elegantes, apresentando sinuosas varandas. A construção em concreto armado possibilitou, segundo seu autor, um admirador de Le Corbusier, o maior vão livre já construído em um prédio de grande porte na cidade, além disso, os seus cálculos e todo e qualquer serviço de projeto teriam sido realizados em Belém.

Fig. 11 - Planta baixa original do edifício Manoel Pinto da Silva.

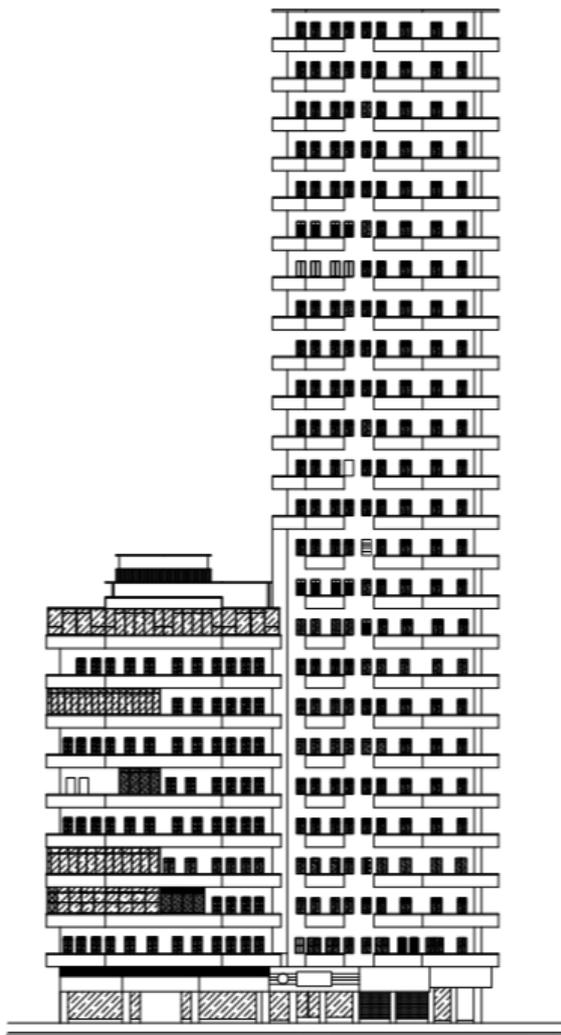


Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA).

Com setorização bem marcada, porém, não mais de maneira linear como encontrado no edifício Piedade, observa-se nova organização de seus espaços internos, inovadora para o contexto local. Além disso, o edifício fornecia incineradores de lixo e

estação de força própria, dois itens importantes considerando a precariedade desses serviços no período.

Figura 12 – Fachada do Manoel Pinto



Fonte: Acervo do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica – LAHCA.

Atualmente, o edifício conserva seu uso original, comercial e residencial. Destaca-se que praticamente metade de suas esquadrias não são mais originais e os estabelecimentos comerciais do térreo cobrem o 1º piso com placas de seus anúncios, o que polui a imagem do edifício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo histórico e bibliográfico referente à Avenida Presidente Vargas, nota-se como e porque ocorreu o processo de verticalização configurando esta avenida como o “locus” deste processo em Belém. A avenida, já sua abertura foi pensada como uma grande via para a cidade, recebendo investimentos no período *gomífero* e recebendo políticas públicas para sua modernização na era “Vargas”.

A verticalização era tida como sinônimo de modernização da cidade, de embelezamento, crescimento e prosperidade, de abandonar os sinais decadentes de seu período de estagnação. Ainda tendo esperança de recuperar a prosperidade da “Belle Époque”, a cidade absorve o discurso modernizador do governo do Presidente Getúlio Vargas, usando assim, a arquitetura como forma de mostrar Belém como uma cidade moderna, sendo que na época, seguindo o pensamento norte-americano, o arranha-céu era um símbolo do desenvolvimento.

Devido à crise econômica pela qual Belém sofria no período, o processo de modernização limitou-se primeiramente na avenida estudada, formando o conhecido túnel de arranha-céus nesta, com uma diversidade de edifícios que buscavam trazer inovações em suas construções.

Observa-se no estudo que, a partir da década de 30 houve uma significativa substituição de edifícios na avenida por outros cada vez mais altos e modernos, que além de apresentarem novidades como elevadores, incineradores e novas tipologias de plantas, também traziam uma nova alternativa de moradia. A inauguração do 2º bloco do edifício “Manuel Pinto da Silva” em 1959, segundo Chaves (2011), marcava a explosão do processo de verticalização atrelada também à entrada dos grandes financiamentos, a consolidação deste tipo de moradia e da própria especulação imobiliária, levando este processo para outros bairros de Belém, em especial nos bairros de Nazaré e Batista Campos.

Nota-se mudanças nos usos dos edifícios de praticamente metade dos edifícios estudados, tendo também dois edifícios sem uso, atualmente: Edifício INAMPS e Bern. O estudo apresentado mostra como esse processo, ocorrido na avenida, é importante para o desenvolvimento da cidade, o levantamento arquitetônico e fotográfico destes edifícios nos mostra a identidade da via ao mesmo tempo em que registra o que sobreviveu de um período pouco conhecido, mas bastante importante para a história da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASARIL, Carlos Cassemiro; TOWS, Ricardo Luiz; MENDES, Cesar Miranda. **Arranha-céus: evolução e materialidade na urbanização mundial**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3947>> Acesso em: jan.2016.
- CHAVES, Túlio Augusto P. Vasconcellos. **Isto não é para nós? Um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.
- CRUZ, Ernesto. **História de Belém 2º volume**. Universidade Federal do Pará, 1973.
- _____. **Ruas de Belém**. Belém: Cejup, 1992.
- DUQUE, Mário. **Cidades atentas ao seu “Skyline”**. Jornal Hoje Macau, Macau, 5 do 10 de 2007. Opinião, pág. 6 e 7.
- GLANCEY, Jonathan. **A história da arquitetura**. São Paulo: Loyola, 2007.
- MARANHÃO, Haroldo. **Pará, Capital: Belém**. Belém: Supercores, 2000.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na História**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NASCIMENTO, Isabella Soares. **Arranha céu: produto verticalizado da globalização**. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadatureza/article/view/28524>> Acesso em: Jan.2016.
- PARÁ, Governo do Estado (SECULT). **Belém da Saudade: a memória de Belém do início do século em cartões – postais**. 2 ed. Belém: SECULT, 1998.
- PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém: estudo de geografia urbana. Vol I**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.
- _____. **Belém: estudo de geografia urbana. Vol II**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.
- SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-tatu, 2010.
- SOARES, Carol Gillet. **Formas de morar na Belém da Belle époque (1870-1910)**. Dissertação (Mestrado em História social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- VIDAL, Celma Chaves de Souza Pont. **Arquitetura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém**. Vitruvius, n. 8, 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas>>. Acesso em: Jan.2016.
- _____. **Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960**. Disponível em: <<http://www.arquitetura.eesc.usp.br/revistarisco>>. Acesso em: Jan.2016.

I SAMA – Seminário de arquitetura moderna na Amazônia
17,18 e 19 de fevereiro de 2016.